



Casa
Fernando
Pessoa

LUGAR DE LITERATURA

13-14-15
OUT
2021



Congresso Internacional **Fernando Pessoa**

Foram respeitadas diferentes opções ortográficas.

Em 2021 voltamos a marcar encontro para conhecer e debater a investigação recente feita sobre Pessoa a nível internacional. Desta vez, o Congresso Internacional Fernando Pessoa tem um formato misto – acontece presencialmente e online – e tem lugar na Fundação Calouste Gulbenkian, em Lisboa, que acolhe de novo o programa.

Investigadores doutorandos, recém-doutorados e outros que há décadas dedicam o seu tempo e trabalho à obra de Pessoa partilham e discutem os resultados das suas últimas leituras. São bastante diversos os temas tratados ao longo dos três dias de Congresso, como também o são os textos de Pessoa que estão na base destes estudos e as abordagens que lhes deram origem.

Procuramos acompanhar o trabalho dos diferentes centros de investigação, dentro e fora de Portugal, para conhecer as novas e distintas propostas que o estudo de Pessoa não pára de suscitar. Constatamos que mais de metade dos participantes desta edição não foram oradores no encontro de há quatro anos, o que é, entre outros, um reflexo do dinamismo da academia e também da nossa atenção a essa pluralidade.

Que sejam dias produtivos de descoberta e diálogo, que seja um encontro profícuo e agradável para quem, público e oradores, se dá à leitura do que Fernando Pessoa deixou escrito.

Clara Riso

Diretora da Casa
Fernando Pessoa

Índice

4 Programa

8 Resumos e notas biográficas

- 9 **Amândio Reis**
Assim o irreal do mundo: Pessoa e o conto como forma crítica
- 10 **Antonio Cardillo**
O legado de Francisco José Freire e António Borges de Figueiredo nos textos sobre a Língua Portuguesa de Fernando Pessoa
- 11 **António M. Feijó**
O Barão de Teive e a heteronímia
- 12 **Bartholomew Ryan**
O que Fernando Pessoa pode ensinar à filosofia
- 13 **Caio Gagliardi**
Ler o gesto: a concepção pessoana de publicação
- 14 **Carlos Mendes de Sousa**
O desarrumador infinito
- 15 **Carlos Pittella**
João de Alemquer – O mistério de um drama em inglês no espólio pessoano
- 16 **Carlotta Defenu**
A génese das traduções dos poemas de Edgar Allan Poe publicadas por Fernando Pessoa
- 17 **Clara Riso**
Homenagem a Maria Aliete Galhoz e Ana Maria Freitas
- 18 **Cristina Zhou**
«A Hora do Diabo»: Uma síntese peculiar do pensamento esotérico de Fernando Pessoa
- 19 **Diego Giménez**
Uma taxonomia filosófica para o *Livro do Desassossego*
- 20 **Fernando Beleza**
Heterotopias de Pessoa
- 21 **Fernando Cabral Martins**
Criação, descontinuidade, arquivo
- 22 **Fernando J. B. Martinho**
Cidade revisitada
- 23 **Flávio Rodrigo Penteado**
Pessoa dramaturgo (tradição, estatismo, deteatrização)
- 24 **Ivo Castro**
Recordação de minha Mestra Galhoz
- 25 **Joana Matos Frias**
A faca e o Precursor
- 26 **João Dionísio**
Géneses de *Mensagem*
- 27 **Jorge Uribe**
Erostratus e o futuro da celebridade: “What then, I say to my self is immortality...”

- 28 **Luiz Fagundes Duarte**
Campos *revisited* (2021)
- 29 **Manuel Portela**
“De que me serve reler?” Um modelo computacional da recepção crítica do *Livro do Desassossego*
- 30 **Manuela Parreira da Silva**
O riso e a dor (lugar e legado de Ana Maria Freitas)
- 31 **Marcelo Cordeiro de Mello**
Os argumentos cinematográficos de Fernando Pessoa: mistério, multiplicidade e onirismo
- 32 **Maria Irene Ramalho**
Os graus da poesia lírica, Caeiro e os *Poemas Inconjunctos*
- 33 **Nuno Amado**
“Quem ama é diferente de quem é”: a concepção de *O Pastor Amoroso* de Alberto Caeiro
- 34 **Oswaldo Manuel Silvestre**
Poesia, ontologia e heteronímia em Eduardo Lourenço
- 35 **Patrícia Silva**
Sensacionismo e desvairismo: paroxismos dos modernismos português e brasileiro
- 36 **Patricio Ferrari**
Fernando Pessoa em *New Directions*
- 37 **Pedro Eiras**
Como se escrevem cartas de Fernando Pessoa, parte 2
- 38 **Pedro Sepúlveda**
Fantoches e pessoas-livros: notas sobre as personagens pessoanas
- 39 **Richard Zenith**
Pessoa e a tentação da fama
- 40 **Rita Patrício**
“pensar em rhythm”: Antero em Pessoa
- 41 **Rui Lage**
O Invisível
- 42 **Rui Miranda**
Fernando Pessoa e os problemas fatais da poesia
- 43 **Rui Sousa**
Normas à grega e normas à romana. Notas sobre liberdade e normatividade em Fernando Pessoa
- 44 **Sara Rodi**
Fernando Pessoa e as Mulheres da Sua Vida
- 45 **Ulrike Henny-Krahmer**
Arquivos e edições digitais de Fernando Pessoa

Programa

13 OUT quarta

9h30

Recepção aos participantes

10h

Abertura

Guilherme d'Oliveira Martins

Administrador da Fundação Calouste Gulbenkian

Clara Riso

Diretora da Casa Fernando Pessoa

Joana Gomes Cardoso

Presidente do Conselho de Administração da EGEAC

Nuno Artur Silva

Secretário de Estado do Cinema, Audiovisual e Media

10h30 - 11h45

Homenagem a Eduardo Lourenço

Oswaldo Manuel Silvestre

Poesia, ontologia e heteronímia em Eduardo Lourenço

Carlos Mendes Sousa

O desarrumador infinito

MODERAÇÃO: PEDRO SEPÚLVEDA

11h45 - 12h15 · PAUSA

12h15 - 13h30

Ligações

Maria Irene Ramalho

Os graus da poesia lírica, Caeiro e os *Poemas Inconjuntos*

Joana Matos Frias

A faca e o Precursor

MODERAÇÃO: RITA PATRÍCIO

13h30 - 15h · ALMOÇO

15h - 16h15

Edição

Luiz Fagundes Duarte

Campos *revisited* (2021)

Caio Gagliardi

Ler o gesto: a concepção pessoal da publicação

João Dionísio

Géneses de *Mensagem*

MODERAÇÃO: NUNO AMADO

16h30 - 17h45

Passagens

Patricio Ferrari

Fernando Pessoa em *New Directions*

Carlotta Defenu

A génese das traduções dos poemas de Edgar Allan Poe publicadas por Fernando Pessoa

Marcelo Cordeiro de Mello

Os argumentos cinematográficos de Fernando Pessoa: mistério, multiplicidade e onirismo

MODERAÇÃO: PATRÍCIA SILVA

14 OUT quinta

10h - 11h15

Homenagem a Maria Aliete Galhoz e Ana Maria Freitas

Ivo Castro

Recordação de minha Mestra Galhoz

Manuela Parreira da Silva

O riso e a dor (lugar e legado de Ana Maria Freitas)

MODERAÇÃO: CLARA RISO

11h15 - 11h45 · PAUSA

11h45 - 13h

Personae

Carlos Pittella

João de Alemquer – o mistério de um drama em inglês no espólio pessoano

Flávio Rodrigo Penteado

Pessoa dramaturgo (tradição, estatismo, deteatrização)

Pedro Sepúlveda

Fantoches e pessoas-livros: notas sobre as personagens pessoanas

MODERAÇÃO: PEDRO EIRAS

13h - 14h30 · ALMOÇO

14h30 - 15h30

Confrontos

António M. Feijó

O Barão de Teive e a heteronímia

Patrícia Silva

Sensacionismo e desvairismo: paroxismos dos modernismos português e brasileiro

MODERAÇÃO: JOANA MATOS FRIAS

15h45 - 17h

Arquivo

Manuel Portela

“De que me serve reler?” Um modelo computacional da receção crítica do *Livro do Desassossego*

Ulrike Henny-Krahmer

Arquivos e edições digitais de Fernando Pessoa

Fernando Cabral Martins

Criação, descontinuidade, arquivo

MODERAÇÃO: JOÃO DIONÍSIO

17h - 17h30 · PAUSA

17h30 - 18h30

Estilo

Rui Sousa

Normas à grega e normas à romana. Notas sobre liberdade e normatividade em Fernando Pessoa

Antonio Cardiello

O legado de Francisco José Freire e António Borges de Figueiredo nos textos sobre a língua portuguesa de Fernando Pessoa

MODERAÇÃO: MANUELA PARREIRA DA SILVA

15 OUT sexta

10h - 11h15

Filosofia

Bartholomew Ryan

O que Fernando Pessoa pode ensinar à filosofia

Diego Giménez

Uma taxonomia filosófica para o *Livro do Desassossego*

Fernando Beleza

Heterotopias de Pessoa

MODERAÇÃO: OSVALDO MANUEL SILVESTRE

11h15 - 11h45 · PAUSA

11h45 - 13h

Incursões

Fernando J. B. Martinho

Cidade Revisitada

Nuno Amado

“Quem ama é diferente de quem é”: a concepção de *O Pastor Amoroso* de Alberto Caeiro

Rita Patrício

“pensar em rhythm”: Antero em Pessoa

MODERAÇÃO: ANTÓNIO M. FEIJÓ

13h - 14h30 · ALMOÇO

14h30 - 15h30

Contos

Amândio Reis

Assim o irreal do mundo: Pessoa e o conto como forma crítica

Cristina Zhou

«A hora do diabo»: uma síntese peculiar do pensamento esotérico de Fernando Pessoa

MODERAÇÃO: FERNANDO CABRAL MARTINS

15h45 - 17h

Ficções

Rui Lage

Pedro Eiras

Sara Rodi

As incursões na ficção são o pretexto para outras leituras do universo pessoano. Rui Lage, Pedro Eiras e Sara Rodi falam sobre possíveis modos de visitar Pessoa, numa conversa com Antonio Cardiello

17h - 17h30 · PAUSA

17h30 - 18h30

Posteridade

Jorge Uribe

Erostratus e o futuro da celebridade: “What then, I say to my self is immortality...”

Richard Zenith

Pessoa e a tentação da fama

MODERAÇÃO: MARIA IRENE RAMALHO

18h30 - 19h

Encerramento

**Resumos
e notas
biográficas**

Amândio Reis

Assim o irreal do mundo: Pessoa e o conto como forma crítica

CONTOS

15 OUT

Sexta · 14h30 – 15h30

Esta apresentação tem como objectivo principal repensar alguma prosa de Fernando Pessoa à luz da teorização que, em meados do século XIX, nos convidou a ver no conto o apogeu e o emblema de certa tendência epistemológica da literatura, na medida em que este género promoveria “esse desenvolvimento minucioso de pensamentos e de expressões que tem por objecto a *verdade*”, conforme as palavras de Charles Baudelaire a propósito de Edgar Allan Poe. Contudo, não se pretende proceder a uma leitura comparativa das obras de Poe e Pessoa (hipótese várias vezes abordada nos estudos pessoanos), mas, sim, explorar algumas das vias por meio das quais a obra de Pessoa – em textos como «The Door» e «A Very Original Dinner», ou «Um Vencedor do Tempo» e «A Perda do Hiato *Nada*» – intervém na discussão em torno da narrativa breve. Sugere-se que é no seio do conto-ensaio próprio do modernismo literário, entendido e reconfigurado por Pessoa como género reflexivo, que a matriz oitocentista da narrativa breve pôde ser apropriada e transformada pelo poeta, de modo radical na literatura portuguesa do século XX, enquanto *forma crítica*.

NOTA BIOGRÁFICA

Amândio Reis doutorou-se na Universidade de Lisboa com uma tese sobre o conto sobrenatural do fim do século XIX (a partir das obras de Machado de Assis, Henry James e Guy de Maupassant). É investigador contratado na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa e membro do Centro de Estudos Comparatistas, onde coordena o subgrupo de investigação RIAL – Realidade e Imaginação nas Artes e na Literatura. Desempenha também funções como consultor de investigação na Europa para a rede INCH – International Network for Comparative Humanities (U. Princeton e U. Notre Dame), e é co-editor da revista de crítica e literatura COMPASS.

Antonio Cardiello*

ESTILO

O legado de Francisco José Freire e António Borges de Figueiredo nos textos sobre a Língua Portuguesa de Fernando Pessoa

14 OUT

Quinta · 17h30 – 18h30

Entre os títulos que vieram a integrar fisicamente a Biblioteca Particular de Fernando Pessoa nos últimos anos, o livro *Reflexões sobre a Língua Portuguesa, escriptas por Francisco José Freire* (edição de 1842) não é apenas uma das mais recentes aquisições através das quais a Casa Fernando Pessoa continua a contribuir para a redução da dispersão material desta colecção. É também uma obra lida por Fernando Pessoa com voracidade e que teve um enorme impacto no *corpus* dos fragmentos pessoanos que crítica e público aprenderam a conhecer, há mais de três décadas, sob a denominação de «O Problema Ortográfico» ou de «Defesa e Ilustração da Língua Portuguesa».

Com a presente comunicação, pretende-se ilustrar em que medida se articulou a influência crucial do livro de Freire com o volume *Instituições de Rhetorica para Uso das Escolas de António Borges de Figueiredo*, assim evocados no *Livro do Desassossego*: “As minhas leituras predilectas são a repetição de livros banaes que dormem commigo á minha cabeceira. Ha dois que me não deixam nunca – *A Rethorica do Padre Figueiredo e as Reflexões sobre a Língua Portuguesa* do Padre Freire. Estes livros, releio-os sempre a bem; e, se é certo que já os li todos muitas vezes, também é certo que a nenhum d’elles li em sequencia. Devo a esses livros uma disciplina que quase creio impossivel em mim – uma regra de escrever objectivado, uma lei da razão de as coisas estarem escriptas.”

NOTA BIOGRÁFICA

Antonio Cardiello é investigador bolseiro da FCT com um projecto de pós-doutoramento no Instituto de Filosofia da Universidade Nova de Lisboa (IFILNOVA) onde é membro integrado dos grupos de pesquisa “Art of Living Research Group” e “Lisbon Nietzsche Group”. As suas principais áreas de estudo são as perspectivas comparadas entre tradições filosóficas ocidentais e orientais e a filosofia de Fernando Pessoa, com particular interesse no seu Neopaganismo. Co-director do projecto de digitalização da Biblioteca Particular de Fernando Pessoa (on-line desde 2010), editou *Una Stirpe incognita* (EDB Edizioni, 2016) e co-editou *Nietzsche e Pessoa. Ensaíos* (Tinta-da-China, 2016), *Philosophy in the Condition of Modernism* (Palgrave Macmillan, 2018) e a primeira edição crítica de *Obra Completa de Álvaro de Campos* (Tinta-da-China, 2014).

*COMISSÃO ORGANIZADORA

António M. Feijó

O Barão de Teive e a heteronímia

CONFRONTOS

14 OUT

Quinta · 14h30 – 15h30

Nas circunstâncias da origem do Barão de Teive e no teor dos seus textos pode surpreender-se, de modo cifrado, o modo de emergência dos heterónimos. Esta comunicação visa descrever essa relação.

NOTA BIOGRÁFICA

António M. Feijó é professor na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa e autor de *Uma Admiração Pastoril pelo Diabo (Pessoa & Pascoaes)*.

Bartholomew Ryan

FILOSOFIA

O que Fernando Pessoa pode ensinar à filosofia

15 OUT

Sexta - 10h - 11h15

Apresento Fernando Pessoa como um *poeta-filosófico* que é, como os filósofos mais experimentais da modernidade: um criador de conceitos; extemporâneo e 'deslocado'; e uma personificação faustiana e pós-faustiana da dúvida e do desespero que, no entanto, se esforça por encarar a vida com espanto e maravilhamento, transformando assim as antinomias de Kant do pensamento burguês numa região de neo-paganismo que tem a visão da pluralidade no seu centro. A tarefa do filósofo não é ler um poeta só para se apropriar de uma ideia que pensa já ter encontrado, por forma simplesmente a ajudar a articular uma noção que o filósofo já possuía, permanecendo assim no controlo e acrescentando muito pouco a uma leitura da literatura. Em vez disso, há algo na literatura que está fora do alcance do filósofo. A literatura pode levar-nos para uma região onde o filósofo não se sente confortável e não pode controlar. É neste espaço, onde o encontro entre o filósofo e o poeta pode acontecer, que uma vulnerabilidade de ambos os lados se abre para inspirar a criação de um novo conceito na filosofia e de uma nova forma, estilo e gesto linguístico no poeta, e onde os grandes personagens da literatura são grandes pensadores.

NOTA BIOGRÁFICA

Bartholomew Ryan é investigador de filosofia e coordenador no IFILNOVA da Universidade Nova de Lisboa. O seu trabalho académico e criativo orbita em torno do tema central da 'transformação' e da pluralidade do sujeito, levando em consideração as máscaras, ecologias e identidades (múltiplas) que definem a condição humana moderna. Publicou vários livros e artigos sobre filosofia e literatura, e o livro mais recente chama-se *Fernando Pessoa and Philosophy: Countless Lives Inhabit Us* (co-editor, 2021). Foi professor e ensinou no Brasil e em Berlim, Oxford, Aarhus, Dublin e Lisboa. É ainda autor e compositor no projeto músico *The Loafing Heroes*.

Caio Gagliardi

Ler o gesto: a concepção pessoana de publicação

EDIÇÃO

13 OUT

Quarta · 15h – 16h15

Online

Para além da autonomia estética dos poemas publicados durante a vida do autor, este trabalho procura revelar uma segunda camada de sentido de parte significativa desses textos, ao considerar o gesto editorial que se incorpora ao seu fazer poético. Com base em poemas publicados em momentos diferentes e distintos veículos editoriais – as revistas *A Renascença* (1914), *Exílio* (1916), *Centauro* (1916), *Portugal Futurista* (1917), *Contemporânea* (1922, 1923 e 1926), o diário *Sol* (1926) e a revista *Presença* (1931 e 1933) –, procuramos identificar e analisar, através do jogo editorial que se estabelece, a marca irônica inconfundível de Pessoa.

NOTA BIOGRÁFICA

Caio Gagliardi é Professor de Literatura Portuguesa no Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Universidade de São Paulo. Concluiu duas pesquisas de pós-doutoramento na Università degli Studi di Roma “La Sapienza” (2014 & 2019) e outra em Teoria Literária na Universidade de São Paulo (2008). Obteve os títulos de mestre e doutor em Teoria e História Literária pela Universidade Estadual de Campinas (2000 & 2005). É autor de *O renascimento do autor – autoria, heteronímia e fake memoirs* (2019), organizador de *Fernando Pessoa & Cia. não heterónima* (2019), entre outras edições, e coordenador do grupo de pesquisa Estudos Pessoaanos (www.estudospessoanos.fflch.usp.br).

Carlos Mendes de Sousa

O desarrumador infinito

HOMENAGEM A EDUARDO LOURENÇO

13 OUT

Quarta · 10h30 – 11h45

A revelação da poesia de Fernando Pessoa, nos anos 40, constituiu para Eduardo Lourenço, nas suas palavras, um verdadeiro “choque”, a sua estrada de Damasco, que teve como consequência um profundo abalo de alicerces. Com Pessoa dá-se o ponto alto da sua aproximação à literatura, isto é, à poesia, em concreto pelo modo como esta se intersecta com a filosofia.

É com Pessoa que Lourenço procede à sua mais íntima inscrição na modernidade estética. O autor do *Livro do Desassossego* seria um dos seus guias de eleição, aquele que em formulações geniais poeticamente sintetizou a expressão dos niilismos contemporâneos. O impacto do encontro manifestar-se-á indelevelmente na sua obra. A Pessoa dedicou importantes e iluminados ensaios. Mas o relacionamento de pendor identificativo deixou marcas em outros domínios, concretamente na planificação de múltiplos projectos, inclusive ficcionais, cujo rasto se pode descortinar no arquivo do ensaísta. Também nas leituras sobre poetas do séc. XX, os ecos da referência pessoana são uma constante. É incalculável a repercussão dessa voz matricial. Pode dizer-se que leu todos os poetas seus contemporâneos com Pessoa ao lado.

NOTA BIOGRÁFICA

Carlos Mendes de Sousa é professor na Universidade do Minho. Tem-se dedicado especialmente ao estudo da literatura brasileira e da poesia portuguesa moderna e contemporânea. Entre os seus trabalhos contam-se os livros *Clarice Lispector. Figuras da escrita*, Instituto Moreira Salles, 2012; *Clarice Lispector. Pinturas*, Rocco, 2013. Co-dirigiu o Projecto das Obras Completas de Eduardo Lourenço (Fundação Calouste Gulbenkian). Organizou a edição da *Obra poética*, de Sophia de Mello Breyner Andresen (Ed. Caminho, 2010; Assírio & Alvim, 2015). Em 2007, comissariou a exposição comemorativa do Centenário do Nascimento de Miguel Torga. Co-director da Fundação Luís Miguel Nava. Co-director da revista de poesia *Relâmpago*.

Carlos Pittella

João de Alemquer – O mistério de um drama em inglês no espólio pessoano

PERSONAE

14 OUT

Quinta · 11h45 – 13h

Online

Num dos envelopes do espólio pessoano, encontram-se 56 folhas dactilografadas, quase sem emendas, com o que aparenta ser boa parte de uma peça teatral em inglês. O problema: não há indicação de título, nem de autor. Será um inédito de Fernando Pessoa? Uma tradução inglesa de uma peça olvidada de outro dramaturgo português? Num momento em que o teatro pessoano ganha as suas primeiras edições crítico-genéticas, este trabalho investiga o misterioso texto, estabelecendo a sua autoria e sugerindo uma série de relações intertextuais entre Pessoa e dramaturgos portugueses com quem o poeta colaborou e/ou a quem desejou traduzir, incluindo: Victoriano Braga, António Patrício, João da Câmara, José Castello de Moraes e Affonso Gayo.

NOTA BIOGRÁFICA

Carlos Pittella é poeta e investigador Latinx brasileiro com raízes ítalo-luso-libanesas. É autor do poemário *Civilizações Volume Dois* (Palimage, 2005) e coautor (com Jerónimo Pizarro) de *Como Fernando Pessoa Pode Mudar a Sua Vida* (Tinta-da-China, 2017). Doutor em Letras pela PUC-Rio (2012) com uma tese sobre os sonetos de Pessoa, ele editou obras de e sobre o poeta, incluindo *Fausto* (Tinta-da-China, 2018) e a biografia pessoana escrita por Hubert Jennings, intitulada *The Poet with Many Faces* (Tinta-da-China, 2019). Desde Julho de 2020, trabalha como investigador auxiliar para o Centro de Estudos de Teatro da Universidade de Lisboa (CET/FLUL).

Carlotta Defenu

PASSAGENS

A génese das traduções dos poemas de Edgar Allan Poe publicadas por Fernando Pessoa

13 OUT

Quarta · 16h30 – 17h45

Em 1925, na revista *Athena*, Fernando Pessoa publica as traduções de três poemas de Edgar Allan Poe: «Annabel Lee», «Ulalume» e «O Corvo». Das três traduções publicadas existem manuscritos autógrafos que testemunham, pelo menos parcialmente, as fases do processo genético anteriores à publicação. Integram o dossiê genético destas traduções a marginalia observável na antologia da poesia de Edgar Allan Poe presente na biblioteca particular do poeta, e algumas variantes, introduzidas por Pessoa após a publicação, no exemplar pessoal da revista *Athena*. A existência de documentos que atestam as extremidades do processo tradutório representa uma excecionalidade no *corpus* das traduções publicadas em vida por Fernando Pessoa e consente uma visão global do ato criativo, desde as etapas incipientes até às fases posteriores à publicação.

NOTA BIOGRÁFICA

Carlotta Defenu é doutoranda em Crítica Textual na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, com uma tese sobre a génese e a revisão autoral na poesia ortónima de Fernando Pessoa publicada em vida. Obteve o grau de mestre em Língua e Literatura Portuguesa na Sapienza Università di Roma.

Clara Riso*

Homenagem a Maria Aliete Galhoz e Ana Maria Freitas

MODERAÇÃO

Maria Aliete Galhoz e Ana Maria Freitas são duas pessoas que dedicaram décadas de estudo à obra de Fernando Pessoa. Foram investigadoras, estudiosas, notáveis pesquisadoras do espólio pessoano. Fixaram um grande número de textos e partilharam com colegas e alunos o esfoço e o espanto do que descobriram. Pioneiras ambas, Maria Aliete Galhoz começou a trabalhar em 1950 os fragmentos que em 1982 deram forma à primeira edição do *Livro do Desassossego*. Ana Maria Freitas é a grande responsável pela organização e publicação da ficção policial e dos contos de Pessoa. Na edição da poesia de Pessoa tiveram também um papel fundamental: *Obra Poética*, que Maria Aliete Galhoz preparou para a editora Aguilar em 1960, é uma referência na edição pessoana e na divulgação da obra no Brasil. Ana Maria Freitas editou, com Manuela Parreira da Silva e Madalena Dine, os três volumes de poesia ortónima publicados pela Assírio & Alvim. Para lembrar o trabalho que fizeram e as pessoas que foram, nesta mesa participam Ivo Castro e Manuela Parreira da Silva, companheiros de trabalho e amigos que tiveram o privilégio de as conhecer e acompanhar de perto.

APRESENTAÇÃO · HOMENAGEM

14 OUT

Quinta · 10h – 11h15

NOTA BIOGRÁFICA

Clara Riso é formada em Línguas e Literaturas Modernas – Estudos Portugueses pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa e tem um mestrado em Literatura Comparada, pela mesma Faculdade. Tem também um mestrado em Português Língua Segunda/Língua Estrangeira pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto e é pós-graduada em Cultura Portuguesa Contemporânea pelo Instituto Camões /Universidade Aberta. Entre 2004 e 2014 foi leitora do Instituto Camões em Budapeste (Hungria) e em Belgrado (Sérvia), contexto em que foi também co-responsável pela ação cultural externa junto das Embaixadas. É diretora da Casa Fernando Pessoa desde 2014.

*DIRETORA DA CASA FERNANDO PESSOA E COMISSÃO ORGANIZADORA

Cristina Zhou

CONTOS

«A Hora do Diabo»: Uma síntese peculiar do pensamento esotérico de Fernando Pessoa

15 OUT

Sexta · 14h30 – 15h30

Neste trabalho, convido a uma releitura do conto «A Hora do Diabo», realçando o elemento mais consistente e estrutural do pensamento esotérico de Fernando Pessoa, nomeadamente, a sabedoria hermética e cabalística da união dos contrários.

O trabalho será dividido em três partes. Na primeira parte, irei sublinhar as principais convergências e divergências entre o Diabo de Pessoa, o Satã de Milton e o Mefistófeles de Goethe (ambos indicados no conto). Na segunda parte, analisarei o elemento axial da ironia e do sonho na correspondência entre o Diabo e a poética pessoana. Na terceira parte, irei abordar a atmosfera misteriosa do conto em questão, provavelmente inspirada nos contos de Edgar Allan Poe e noutros romances e contos de sabor “gótico escocês”; estas obras constituem parte da “alimentação literária” do jovem Pessoa e denotam inquietações provocadas por uma mundividência peculiar sob o grande impacto do presbiterianismo.

Indagarei igualmente a dinâmica tentação-rejeição no diálogo entre Diabo e Maria que, a meu ver, confrontada com certas passagens acerca da sexualidade, especialmente da feminina (*Livro do Desassossego*), pode ter consonância com a dinâmica complexa do universo das personalidades literárias de Pessoa.

NOTA BIOGRÁFICA

Cristina Zhou é doutorada e leitora na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. Obteve o título de mestre na FLUC, com a dissertação «Mundividência Esotérica e Poética Inicial de Fernando Pessoa», em 2011. Apresentou, em 2018, a tese de doutoramento intitulada «Problemática Metafísica e Especulação Esotérica na Poesia Portuguesa da Modernidade», sob a orientação de José Carlos Seabra Pereira e Jerónimo Pizarro, com o apoio da Fundação Calouste Gulbenkian. Desde 2011, tem apresentado e publicado trabalhos sobre Pessoa e o Modernismo português, em português, chinês e inglês. É actualmente a directora executiva do Instituto Confúcio na Universidade de Coimbra.

Diego Giménez

Uma taxonomia filosófica para o *Livro do Desassossego*

FILOSOFIA

15 OUT

Sexta · 10h - 11h15

Com o presente trabalho pretende-se analisar, no *corpus* do *Livro do Desassossego*, os conceitos filosóficos sensação, realidade e pensamento, derivados do estudo de especialistas na dimensão filosófica da obra de Pessoa, como José Gil e António Pina Coelho. O trabalho faz parte da pesquisa de pós-doutoramento “A dimensão filosófica e crítica do *Livro do Desassossego* nas suas representações e a sua influência no pensamento (do) contemporâneo. Da modernidade à pós-modernidade”, que visa realizar um levantamento das relações filosóficas presentes na obra de Fernando Pessoa, quer no que diz respeito às relações intertextuais, quer no que diz respeito à articulação de temas ou conceitos filosóficos presentes no *Livro*. As dimensões de Pessoa como leitor, como escritor e como pensador estão imbricadas ao ponto de poderem ser entendidas só conjuntamente. Nesse sentido, são utilizadas ferramentas taxonómicas do arquivo LdoD (<https://ldod.uc.pt/>) para tentar responder a como está estruturada a “cogitação escrita” dos conceitos, usando um termo do próprio autor, enquanto texto.

NOTA BIOGRÁFICA

Diego Giménez possui Doutoramento em Literatura e Pensamento na Universidade de Barcelona com uma tese sobre o *Livro do Desassossego*. Licenciado em Filosofia na UB e mestre em Estudos Literários na mesma universidade. Trabalhou na redacção de *La Vanguardia.com* e co-fundou em 2008 *Revista de Letras*. Foi bolseiro da Fundação Calouste Gulbenkian e pesquisador no projecto financiado pela FCT “Nenhum Problema tem Solução: Um Arquivo Digital do *Livro do Desassossego*” da Universidade de Coimbra. Foi pesquisador de pós-doutoramento na Universidade Estadual de Londrina onde leccionou as disciplinas Teoria do Poema e Teoria da Narrativa. Actualmente é pesquisador de pós-doutoramento no Centro de Literatura Portuguesa da Universidade de Coimbra com uma bolsa da FCT.

Fernando Beleza

Heterotopias de Pessoa

FILOSOFIA

15 OUT

Sexta - 10h - 11h15

Online

Esta comunicação propõe uma leitura dos imaginários/representações do lugar em Caeiro, Campos, Reis e Soares à luz da noção de heterotopia de Michel Foucault (“Of Other Spaces”). Argumentarei que todos os imaginários do lugar da heteronímia pessoana partilham os mesmos elementos fundamentais que Foucault atribui ao terceiro princípio das heterotopias. Partindo desta observação e centrando-me principalmente na poesia de Caeiro e no *Livro do Desassossego* (1929-1934), proponho que a dimensão heterotópica dos lugares da heteronímia pessoana: (1) revela o impulso cosmopolita do modernismo português, moldado pela sua localização semi-periférica; (2) permite a Pessoa imaginar uma geografia cultural e literária própria que tinha como um dos seus objectivos principais ‘provincializar’ o centro do modernismo europeu – Paris.

NOTA BIOGRÁFICA

Fernando Beleza é Professor Auxiliar de Estudos Culturais na Universidade de Newcastle, Reino Unido. É co-editor de *Mário de Sá-Carneiro, a Cosmopolitan Modernist* (Oxford: Peter Lang, 2017) e tem vários artigos e capítulos de livros publicados sobre: o modernismo português (em particular as obras de Sá-Carneiro e Pessoa); raça, género e sexualidade na literatura e na cultura; imaginários transnacionais e cosmopolitismo; ecocrítica luso-afro-brasileira.

Fernando Cabral Martins

Criação, descontinuidade, arquivo

ARQUIVO

14 OUT

Quinta · 15h45 – 17h

Pessoa conduz o projecto modernista à sua consequência última, no sentido em que faz uma investigação do medium literário em toda a sua complexidade (nisto sendo um herdeiro directo de Mallarmé). A sua poesia entra em ruptura com as ideias orgânica e progressiva das artes clássica e romântica. É uma poesia-teatro, cénica e performativa. É também uma poesia inacabada, mas que integra esse inacabamento. Na verdade, é inacabável, como o prova a precariedade de todos os seus acabamentos editoriais. Aquilo que faz é manifestar o processo que torna o leitor parte da obra e a leitura parte da escrita.

Do mesmo modo que a edição em Pessoa adquire uma importância crucial, a sua leitura ganha marcada singularidade: a interpretação de cada texto obriga a entrar em linha de conta com elementos paratextuais. Além disso, o seu próprio inacabamento torna necessário o conhecimento da história da escrita e dos contornos da autoria (ou autorias, pois todos os textos têm dois autores).

Destes pontos procurar-se-ão exemplos, sobretudo, em *Fausto* e *Canções de Beber*.

NOTA BIOGRÁFICA

Fernando Cabral Martins é professor jubilado da Universidade Nova de Lisboa. Publicou, além de antologias críticas como *Poesia Simbolista Portuguesa* (1990), livros de ensaio sobre Cesário Verde, Mário de Sá-Carneiro, Júlio e Mário Cesariny, e uma *Introdução ao Estudo de Fernando Pessoa* (2014). Coordenou um *Dicionário de Fernando Pessoa e do Modernismo Português* (2008). Preparou edições de Mário de Sá-Carneiro, Fernando Pessoa, Almada Negreiros, Alexandre O'Neill e Luiza Neto Jorge. Publicou livros de ficção, entre os quais *Ao Cair da Noite* (1989), *O Deceptista* (2003), *A Flor Fatal* (2009) e *Táxi* (2019).

Fernando J. B. Martinho

Cidade revisitada

INCURSÕES

15 OUT

Sexta - 11h45 - 13h

Vi, pela primeira vez, a palavra “Revisited” numa aula de Inglês das classes terminais do Liceu, numa antologia de Modern American Short Stories. Fazia parte do título de um complexo conto de Scott Fitzgerald, “Babylon Revisited”, publicado inicialmente numa revista americana em 1931, em data, portanto, posterior aos dois poemas de Álvaro de Campos, vindos a público na *Contemporânea*, em 1923 e 1926. Então, adolescente, ainda não conhecia os dois textos de Pessoa, que me era apenas familiar por um ou outro texto incluído em compêndios escolares.

O que, agora, me proponho fazer é visitar dois poemas centrais no itinerário de Campos, numa deriva analítica entre as imparáveis deambulações do Engenheiro e a cidade jamais esquecida a que regressa, e aproximá-los de «Tabacaria».

NOTA BIOGRÁFICA

Foi Leitor de Português nas Universidades de Bristol e da Califórnia, em Santa Barbara. É Professor aposentado da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Os seus trabalhos têm incidido especialmente sobre a Poesia Portuguesa Contemporânea. Além de ter colaboração dispersa em revistas e colectâneas portuguesas e estrangeiras, publicou *Pessoa e a Moderna Poesia Portuguesa*, 2ª ed. 1991; *Pessoa e os Surrealistas*, 1988; *Mário de Sá-Carneiro e o(s) Outro(s)*, 1990; *Tendências Dominantes da Poesia Portuguesa da Década de 50*, 2ª ed. 2013; *Jorge de Sena “Aqui no Meio de Nós”*, 2017. Publicou ainda dois livros de poesia, *Resposta a Rorschach*, 1970, e *Razão Sombria*, 1980. Coordenou o volume *Literatura Portuguesa do Século XX*, para o Instituto Camões, sendo de sua autoria o ensaio aí incluído respeitante à Poesia, 2004.

Flávio Rodrigo Penteado

Pessoa dramaturgo (tradição, estatismo, deteatrização)

PERSONAE

14 OUT

Quinta · 11h45 – 13h

Online

Esta comunicação apresentará, em linhas gerais, a tese de doutoramento homônima. Neste trabalho, examinam-se os dramas estáticos de Fernando Pessoa, cujo *corpus* é composto, à exceção d'*O Marinheiro*, por um número significativo de peças inconclusas ou esboçadas. Partindo da revisão crítico-teórica do imaginário simbolista e da obra teatral de Maeterlinck, com os quais o teatro do autor português é sistematicamente associado, procura-se ampliar o espectro da abordagem na direção da múltipla tradição do drama moderno e contemporâneo, nos termos em que é delineada por Jean-Pierre Sarrazac. Cumprida a tarefa de identificação e análise das categorias comuns àquelas peças, busca-se aproximá-las dialeticamente da dramaturgia de alguns dos autores centrais do gênero, situados na transição entre os séculos XIX e XX. No âmbito europeu, o trabalho confere atenção a nomes como Ibsen, Hauptmann, Strindberg e Pirandello, enquanto, no contexto da dramaturgia portuguesa, o teatro de Pessoa é reposicionado à luz de peças de Raul Brandão, D. João da Câmara, Eugénio de Castro, Branquinho da Fonseca, Almada Negreiros e António Patrício, entre outros escritores. Por fim, sugere-se o reexame do apelo cênico do drama estático pessoano por meio da discussão das ideias e práticas teatrais de Lugné-Poe, Gordon Craig e Claude Régy, principalmente.

NOTA BIOGRÁFICA

É doutor em Literatura Portuguesa pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Sua tese de doutoramento, intitulada *Pessoa dramaturgo (tradição, estatismo, deteatrização)*, obteve financiamento da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP; processo nº 2016/19417-7). Nela, é proposta a leitura dos “dramas estáticos” pessoanos para além do Simbolismo de matriz maeterlinckiana, por meio da aproximação de tais textos daqueles de outros dramaturgos modernos, tanto portugueses quanto estrangeiros. Tem colaborado em revistas como *Estranhar Pessoa* e *Pessoa Plural*. Integra o grupo “Estudos Pessoanos”, coordenado por Caio Gagliardi (<http://estudospessoanos.fflch.usp.br/>).

Ivo Castro

Recordação de minha Mestra Galhoz

Vários traços distinguiam Maria Aliete Galhoz enquanto pessoa: o tempo da sua entrada em campo, quase pioneira; a construída modéstia da sua *démarche*; o testemunho de coisas que em breve seriam passadas; a precedência concedida ao documento sobre a narrativa; o piso sólido oferecido pelas suas edições; a liberalidade com que repartia conhecimento. Era fácil não dar por ela. Menos o é agora, que é só nome.

HOMENAGEM A MARIA ALIETE
GALHOZ E ANA MARIA FREITAS

14 OUT

Quinta · 10h – 11h45

NOTA BIOGRÁFICA

É Professor Emérito da Universidade de Lisboa, onde ensinou durante 49 anos. Orientou meia centena de dissertações, 22 das quais de doutoramento. A maior parte da sua produção científica situa-se em dois domínios de especialização: História da Língua Portuguesa e Crítica Textual. Fundou e dirige grupos de pesquisa dedicados à edição e ao estudo dos espólios manuscritos de Fernando Pessoa, Camilo Castelo Branco e José Leite de Vasconcelos.

Joana Matos Frias*

A faca e o Precursor

LIGAÇÕES

13 OUT

Quarta · 12h15 – 13h30

«Opiário» tem contornos de poema policial. Uns versos após a abertura do texto, dedicado a Mário de Sá-Carneiro nas páginas do primeiro número de *Orpheu*, Álvaro de Campos admite ser cúmplice de uma decapitação, por herança e genealogia, ao confessar “Tenho a impressão de ter em casa a faca/ Com que foi degolado o Precursor.// Ando expiando um crime numa mala,/ Que um avô meu cometeu por requinte”. «Opiário» parece assim solicitar instrumentos muito específicos de decifração, e apelar a um leitor com competências de Quaresma, que tenha em mente que “o caminho próprio do raciocínio às vezes é o caminho impróprio”, e que “às vezes as intuições são certas”. Determinar se de facto houve crime, confirmar que a faca foi a arma do crime, identificar a vítima e o carrasco (o Precursor e o avô): eis alguns fins do caminho impróprio que se procurará percorrer.

NOTA BIOGRÁFICA

Joana Matos Frias é professora na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, investigadora do Centro de Estudos Comparatistas da mesma Faculdade, e colaboradora do Projecto “Estranhar Pessoa”. Autora de *Cinefilia e Cinefobia no Modernismo Português* (2014) e de *O Murmúrio das Imagens* (2018), entre outros livros de ensaios, tem publicado artigos sobre obras da literatura portuguesa moderna e contemporânea em diversas revistas e volumes colectivos.

* COMISSÃO ORGANIZADORA

João Dionísio

Géneses de *Mensagem*

EDIÇÃO

13 OUT

Quarta · 15h - 16h15

A ostensiva unidade estrutural do livro *Mensagem* não apaga problemas textuais de vários tipos. Enquanto uns provêm da dúvida sobre a versão a tomar em conta no estabelecimento editorial, outros resultam de dúvidas sobre como decorreu o processo de criação daquele ciclo, testemunhado por diversos projectos, documentos e versões, algumas publicadas ao longo de três décadas. Em relação à génese, o foco dos estudos pessoais tem recaído na recensão e comparação das versões dos diferentes poemas constituintes do ciclo que foram escritas e circularam antes de 1934. Noutra perspectiva, foi recentemente apresentada documentação relevante acerca do projecto pessoal *Portugal*, que, em parte, pode ser visto como um antepassado distante do livro. Uma visão alargada da génese deve também debruçar-se sobre poemas que, não sendo versões em sentido estrito de unidades do *corpus* vindo a lume em 1934, apresentam características tão afins do que lemos em *Mensagem* que não devem ser ignorados. Por fim, este volume de Pessoa ganha em ser observado do ponto de vista exogenético, isto é, de acordo com a atestação do possível uso de materiais colhidos de outros autores. Esta comunicação visa apresentar e ilustrar diferentes modalidades genéticas da reflexão sobre *Mensagem*.

NOTA BIOGRÁFICA

João Dionísio é professor de literatura portuguesa e de crítica textual na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. As suas publicações mais recentes são: *Agora entra no vento. Tradução e génese na obra de M. S. Lourenço* (Lisboa: Biblioteca Nacional, 2020) e a edição de *Fernando Pessoa, Vinte anos de poesia ortónima. I – 1915-1920* (Lisboa: Imprensa Nacional, 2020). Em breve a Imprensa Nacional publicará *Doença Bibliográfica*, um seu livro de ensaios sobre espólio e edição da obra pessoal e de outros escritores.

Jorge Uribe

***Erostratus* e o futuro da celebridade: “What then, I say to my self is immortality...”**

POSTERIDADE

15 OUT

Sexta · 17h30 – 18h30

Erostratus é o nome de um projeto de panfleto em inglês no qual Fernando Pessoa começou a trabalhar por volta de 1929 e, aproximadamente, até 1932. Contudo, a alimentar o conteúdo redigido sob esse título estariam textos nos quais o autor trabalhou, erráticamente, desde a década de 1910. O panfleto não alcançou, afinal, nenhuma forma estável e foi suspenso ou abandonado; o que teria começado como um catálogo crítico de autores com o tema da celebridade, o gênio, o talento e a “argúcia” como motivos guia, resultou num acumulado de esboços com linhas temáticas variadas e desconexas, que promete um desenvolvimento ante o qual fica muito aquém. Porém, *Erostratus* também é um texto potencialmente autobiográfico que admite a sua leitura como reflexão elíptica em torno da pergunta pela continuidade da vida na escrita, sendo esta última figurada em termos de adaptação a um meio futuro. Esta possibilidade torna-se mais clara na revisão da correspondência pessoana e de outros textos contemporâneos da redação do *Erostratus*, como parte da situação do projeto no conjunto da obra e será esse o objeto desta comunicação.

NOTA BIOGRÁFICA

Jorge Uribe é professor do Departamento de Humanidades da Universidad EAFIT (Medellín) e doutor pelo Programa em Teoria da Literatura da Universidade de Lisboa. É membro do projeto crítico e editorial “Estranhar Pessoa” com sede na Universidade Nova de Lisboa e responsável pela *Edição Digital de Fernando Pessoa: Projetos e Publicações* (pessoadigital.pt). Foi bolseiro da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), da Fundação para a Ciência e a Tecnologia e da Fundação Calouste Gulbenkian. Tem traduzido para espanhol autores de língua portuguesa, entre os quais Eça de Queirós, Mário de Andrade e Machado de Assis.

Luiz Fagundes Duarte

Campos *revisited* (2021)

EDIÇÃO

13 OUT

Quarta · 15h - 16h15

Álvaro de Campos bem que pediu, mas não há maneira de lhe largarem o braço, de o deixarem sozinho: da sua produção poética, que na sua maior parte ficou inacabada ou inédita – Pessoa apenas publicou 18 poemas de Campos, que constitui a obra poética definitiva deste heterónimo –, os sucessivos editores têm vindo a (tentar) construir um *corpus* a que gostariam de chamar definitivo, porém feito a partir de materiais que nada têm de definitivo, amanhando-os de acordo com os seus gostos e interpretações pessoais – e sem se perguntarem se Pessoa terá desejado, alguma vez, que o poeta Campos fosse da maneira como o dão. E isso acontece mesmo com os poemas que ele próprio publicou, dispersos, que em cada um dos três editores hoje de referência (Berardinelli, 1990, 1999; Lopes, 2002; Pizarro, 2014) aparecem não pela ordem de publicação original mas de acordo com cenários imaginados por cada um deles – para não falarmos do conjunto do *corpus* poético, que em matéria de textos varia entre 190 (Pizarro), 215 (Lopes) e 245 (Berardinelli), sem contar com fragmentos, poemas suplementares e anexos.

Serão aqui evocados alguns pesadelos do foro filológico que acodem a qualquer editor que sonhe tornar o provisório em definitivo.

NOTA BIOGRÁFICA

Luiz Fagundes Duarte (Angra do Heroísmo, 1954) é professor aposentado da Universidade Nova de Lisboa. Como filólogo, dedicou-se ao estudo e edição crítica de obras de Eça de Queiroz, Antero de Quental, Fernando Pessoa e Vitorino Nemésio, entre outros. Para além das edições críticas, publicou *A Fábrica dos Textos. Ensaios de Crítica Textual acerca de Eça de Queiroz* (1993), *Do Caos Redivivo. Ensaios de Crítica Textual sobre Fernando Pessoa* (2018) e *Os Palácios da Memória. Ensaios de Crítica Textual* (2019).

Manuel Portela

“De que me serve reler?” Um modelo computacional da receção crítica do *Livro do Desassossego*

ARQUIVO

14 OUT

Quinta · 15h45 – 17h

Nos últimos dois anos, o Arquivo LdoD (<https://ldod.uc.pt/>) desenvolveu uma nova componente, dedicada à receção crítica do *Livro do Desassossego*. Com base na análise de 60 documentos representativos da leitura especializada (ensaios sobre o Livro, prefácios de editores, resenhas sobre diferentes edições), definimos um modelo computacional de codificação e processamento. Esta modelação computacional de um *corpus* da receção da obra tem dois objetivos principais: por um lado, analisar de forma agregada a história da receção crítica da obra e das suas comunidades interpretativas, identificando tópicos, focos de atenção e estratégias de leitura ao longo de quatro décadas; por outro lado, formalizar os protocolos textuais através dos quais um conjunto de interpretações é produzido e socializado. Nesta comunicação serão brevemente apresentados os aspetos teóricos do modelo e os principais resultados da análise realizada à receção crítica do *Livro do Desassossego*, através da visualização de redes de relações textuais. Deste modo, o Arquivo LdoD acrescenta à funcionalidade de meta-edição uma funcionalidade de meta-leitura.

NOTA BIOGRÁFICA

Manuel Portela dirige o Programa de Doutoramento em Materialidades da Literatura na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra e é investigador do Centro de Literatura Portuguesa (CLP). Foi investigador visitante na Universidade da Virgínia (2008) e na Universidade de Maryland (2016). Foi diretor do Teatro Académico de Gil Vicente (TAGV) em Coimbra (2005-2008). É autor de *Scripting Reading Motions: The Codex and the Computer as Self-Reflexive Machines* (MIT Press, 2013) e *Literary Simulation and the Digital Humanities: Reading, Editing, Writing* (Bloomsbury, 2022, no prelo). Com António Rito Silva, é editor do Arquivo LdoD: Arquivo Digital Colaborativo do *Livro do Desassossego* (<https://ldod.uc.pt/>).

Manuela Parreira da Silva

O riso e a dor (lugar e legado de Ana Maria Freitas)

Numa época em que tudo tende a ser rapidamente esquecido e desvalorizado, importa sublinhar o contributo que a investigação desenvolvida por Ana Maria Freitas trouxe aos estudos pessoanos. O empenhamento, a exigência de rigor, mas também a alegria que colocou sempre no seu trabalho, devem ser reconhecidos, a par do pioneirismo de que fez prova na abordagem de algumas áreas pouco conhecidas da obra do seu autor de eleição.

HOMENAGEM A MARIA ALIETE GALHOZ E ANA MARIA FREITAS

14 OUT

Quinta · 10h - 11h45

NOTA BIOGRÁFICA

Manuela Parreira da Silva foi professora nos últimos trinta anos no Departamento de Estudos Portugueses da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas (Universidade Nova de Lisboa), leccionando as cadeiras de Estudos Pessoanos, Literatura e Cultura Portuguesa do Século XX. Dedicou-se há longo tempo à investigação do espólio de Fernando Pessoa e ao estudo dos autores modernistas.

Marcelo Cordeiro de Mello

PASSAGENS

Os argumentos cinematográficos de Fernando Pessoa: mistério, multiplicidade e onirismo

13 OUT

Quarta · 16h30 – 17h45

Online

Apresentamos aqui, de forma panorâmica, a escrita cinematográfica de Fernando Pessoa, dividindo-a em três grupos: thrillers marítimos, filmes sociais e textos cinematoníricos.

Os thrillers marítimos são histórias de mistério envolvendo objetos de grande valor e tendo por locação embarcações marítimas. Neles, reconhece-se o interesse de Pessoa pelas histórias de detetive.

Os filmes sociais não são textos politicamente engajados, mas enfatizam a distância entre classes sociais. O argumento “The Multiple Nobleman” é bastante desenvolvido, com abundância de diálogos. Nele, aparece o problema das personalidades múltiplas no contexto da interação entre classes sociais. Já “The Three Floors” apresenta a convivência entre famílias de classes sociais diferentes.

Quanto aos textos cinematoníricos, não está claro se eles seriam, de fato, destinados ao cinema. Seu estilo remete à escrita automática surrealista e ao recurso literário do fluxo de consciência. É possível identificar neles algumas características em comum com o cinema de vanguarda do começo do século vinte, como o futurista e surrealista.

Nossa apresentação propõe diálogos com o cinema da época em que os textos foram escritos e aponta como algumas características dos textos cinematográficos de Pessoa correspondem a questões de sua obra poética.

NOTA BIOGRÁFICA

Marcelo Cordeiro de Mello é Doutor em Estudos Literários pela Universidade Federal de Minas Gerais (2019). Mestre em Literatura Portuguesa pela Universidade Paris IV, Sorbonne (2011). Graduado pela Universidade de Brasília: Bacharel em Letras – Português (2007) e Licenciado em Francês (2013). Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Língua e Literatura. Lecionou Língua portuguesa e respectiva literatura na Faculdade Evangélica de Brasília e no Liceu Francês de Brasília (2012-2014). Foi Leitor de Língua Portuguesa da Universidade de Bourgogne, França (2008-2010). Publicou nas revistas *Em Tese*, *Aletria*, *Cinemas d'Amérique Latine*, *Zanzalá*, entre outras.

Maria Irene Ramalho

Os graus da poesia lírica, Caeiro e os *Poemas Inconjunctos*

LIGAÇÕES

13 OUT

Quarta · 12h15 – 13h30

Alguns breves apontamentos de Fernando Pessoa sobre a poesia, em articulação com a sua prática poética, suscitam-me uma reflexão sobre a poesia lírica na modernidade. O texto sobre os “graus da poesia lírica” (1930?), em comparação e contraste com posições teóricas de outros poetas do modernismo ocidental (como as “personae” de Pound [1909] e o “correlato objectivo” de Eliot [1919]), leva-me a repensar a noção de autor e autoridade, a questão do fingimento poético e o problema platónico da mentira da ficção. Uma atenção particular será prestada a um muito intrigante -ismo de Pessoa: Caeirismo.

NOTA BIOGRÁFICA

Maria Irene Ramalho é professora jubilada da Faculdade de Letras e investigadora do Centro de Estudos Sociais (Universidade de Coimbra). De 1999 a 2018 foi *International Affiliate* do *Department of Comparative Literature* (UW-Madison). Entre as suas publicações mais recentes: “‘E o que era ser são’? Intersexualidades e vida vivível” (2019), “‘What’s in a Name?’ Utopia – Sociology – Poetry” (2020), “O lírico e o político: *Ágora* de Ana Luísa Amaral” (2020), “Os nadas de Emily Dickinson” (2020), “Da rosa e do corpo. Maria Velho da Costa e a poesia” (2021), “As musas inquietantes da *Ilhíada*” (2021), *Fernando Pessoa e outros fingidores* (2021).

Nuno Amado

“Quem ama é diferente de quem é”: a concepção de *O Pastor Amoroso* de Alberto Caeiro

INCURSÕES

15 OUT

Sexta · 11h45 – 13h

Num passo do *Heróstrato*, Fernando Pessoa sugere que “o melhor género de poema de amor versa, geralmente, sobre uma mulher abstracta”. Esta observação adquire pertinência se nos lembrarmos de que a mulher amada por Alberto Caeiro nunca escapa ao anonimato e não merece sequer, no *Pastor Amoroso*, mais do que a designação pronominal a que o poeta a remete (Caeiro recorre sempre a pronomes de segunda ou terceira pessoa para a referir), ou ainda, por exemplo, se pensarmos no quanto Pessoa parece admirar a “Elegia do Amor”, de Teixeira de Pascoaes, que versa justamente sobre uma “mulher misteriosa” pouco concreta. Nesta comunicação, pretendo tornar clara a importância deste poema de Pascoaes, a cujo “nível metafísico do amor-emoção” Pessoa alude no momento de explicá-lo a um editor inglês, na concepção do episódio amoroso que afectou Caeiro.

NOTA BIOGRÁFICA

Nuno Amado é professor na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Completou o seu Doutoramento no Programa em Teoria da Literatura, da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, com uma tese intitulada *Ricardo Reis (1887-1936)*. Em 2008, obteve no mesmo Programa em Teoria de Literatura o grau de Mestre com uma dissertação sobre *Franz Kafka*. É investigador do Centro de Estudos de Comunicação e Cultura da Faculdade de Ciências Humanas da Universidade Católica Portuguesa e colabora regularmente com a equipa do projecto “Estranhar Pessoa”. É autor de *Os Anos da Vida de Ricardo Reis (1887-1936)*.

Oswaldo Manuel Silvestre

Poesia, ontologia e heteronímia em Eduardo Lourenço

HOMENAGEM A EDUARDO LOURENÇO

13 OUT

Quarta · 10h30 – 11h45

Ao encontro, seguramente epifânico, de Eduardo Lourenço com a obra de Fernando Pessoa, devemos uma leitura ontologicamente radical de um autor para quem a realidade seria, desde os seus fundamentos, sonho, mito e crise de representação. Dessa leitura resulta, porém, um conjunto de consequências, a principal das quais a reversibilidade da descrição de Pessoa sobre Lourenço e, a partir daí, a intensa negatividade que se apodera da sua leitura. Uma leitura que, no plano mais alargado, herda uma concepção de literatura da Geração Crítica oitocentista portuguesa (uma geração de autores nos quais o literário, o histórico-filosófico e o político-social se sobrepõem sem cessar), herdando-a no exato momento em que todo esse edifício atinge o seu ponto sublime e, ao mesmo tempo, a sua ruína, justamente com Pessoa. E que no plano mais próximo tenderá, por isso mesmo, a substituir Literatura por Poesia, enquanto nome disponível, mas erróneo, de um encontro sempre diferido com o Ser. A comunicação estabelecerá um elenco breve de problemas inerentes à leitura de Lourenço, tentando demonstrar que tais problemas são implicações produtivas, e necessárias, da sua maneira de ler e viver Pessoa.

NOTA BIOGRÁFICA

Oswaldo Manuel Silvestre é professor na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. É doutorado em Teoria da Literatura. Publicou ensaios e livros sobre teoria da literatura, literaturas de língua portuguesa, cinema, estética e crítica cultural. É curador do espólio do escritor Carlos de Oliveira no Museu do Neo-Realismo em Vila Franca de Xira e coordenador do Instituto de Estudos Brasileiros da sua Faculdade. No Programa de Doutoramento em Materialidades da Literatura coordena o projeto VOX MEDIA. A Voz na Literatura. O seu último livro é o volume, co-organizado com Rita Patrício, *Conferências do Cinquentenário da Teoria da Literatura de Vítor Aguiar e Silva* (2020).

Patrícia Silva

Sensacionismo e desvairismo: paroxismos dos modernismos português e brasileiro

CONFRONTOS

14 OUT

Quinta · 14h30 – 15h30

Nesta comunicação examina-se o Sensacionismo de Fernando Pessoa e o Desvairismo de Mário de Andrade, argumentando-se que estes -ismos constituem gestos comparáveis de auto-afirmação artística por meio de inovação estilística e de emergência na cena cultural enquanto estéticas fundacionais dos movimentos modernistas dos respetivos países dos poetas. Analisam-se colaborações ortónimas e heterónimas de Pessoa para a *Orpheu* (1915) e a *Paulicéia Desvairada* (1922) de Andrade como respostas análogas ao Futurismo, que tanto assimilam como parodiam, criticando simultaneamente o paroxismo daquele e de outros movimentos estéticos contemporâneos hegemónicos. Identificando as origens das estéticas paroxísticas dos poetas ao Paroxysme, disseminado por Nicolas Beauduin em revistas modernistas desde 1914 e conhecido de Pessoa e de Andrade, explora-se a forma como se apropriaram de tais tendências para representarem a especificidade (semi-)periférica dos modernismos português e brasileiro, sublinhando igualmente o importante papel de mediadores culturais que ambos desempenharam enquanto figuras principais destes movimentos modernistas.

NOTA BIOGRÁFICA

Patrícia Silva é Investigadora no Centro de Estudos Sociais (CES), Universidade de Coimbra. A sua investigação atual incide sobre o “Modernismo Transcultural”, com especial incidência sobre redes transatlânticas no contexto luso-brasileiro. É autora de *Yeats and Pessoa: Parallel Poetic Styles* (2010) e tem números temáticos e artigos publicados em *Pessoa Plural*, *Colóquio-Letras*, *Portuguese Studies*, *Portuguese Literary & Cultural Studies* e *Comparative Critical Studies*.

Patricio Ferrari

Fernando Pessoa em *New Directions*

PASSAGENS

13 OUT

Quarta · 16h30 – 17h45

Online

Em 1971, as traduções de Pessoa para inglês apareceram pela primeira vez no Reino Unido, em versão impressa, por Jonathan Griffin, F.E.G. Quintanilha e Peter Rickard, enquanto que nos Estados Unidos a Swallow Press publicou as primeiras traduções que o poeta americano Edwin Honing fez do poeta multidimensional. Desde então, numerosas traduções inglesas foram publicadas tanto nos Estados Unidos como noutros países anglófonos. Durante esta breve apresentação irei (1) apresentar o projeto de tradução em curso de Pessoa com *New Directions* (a prestigiada editora com sede em Nova Iorque fundada por James Laughlin em 1936); e (2) discutir uma série de desafios de tradução que Margaret Jull Costa e eu encontramos com a poesia de Alberto Caeiro e de Álvaro de Campos.

NOTA BIOGRÁFICA

Patricio Ferrari é um poeta poliglota, editor, e tradutor literário. É doutorado pela Universidade de Lisboa, MNE pela Universidade de Brown e licenciado pela Sorbonne (Paris III). As edições e traduções recentes incluem *The Galloping Hour: French Poems* de Alejandra Pizarnik (co-traduzido com Forrest Gander; *New Directions*, 2018) e *The Complete Works of Alberto Caeiro de Fernando Pessoa* (co-traduzido com Margaret Jull-Costa; *New Directions*, 2020). Atualmente está a co-traduzir com Margaret Jull Costa *As Obras Completas de Álvaro de Campos* (*New Directions*, a publicar). A sua obra aparece em *Asymptote*, *Buenos Aires Poetry*, *Lit Hub*, *The Paris Review*, *Words Without Borders*, entre outros. Reside em Nova Iorque e ensina na Universidade Rutgers.

Pedro Eiras

Como se escrevem cartas de Fernando Pessoa, parte 2

FICÇÕES

15 OUT

Sexta · 15h45 – 17h

Todos sonhámos reencontrar as cartas que Fernando Pessoa enviou a Mário de Sá-Carneiro, e que misteriosamente se perderam. Às vezes, precisamos de dar uma pequena ajuda aos nossos sonhos.

NOTA BIOGRÁFICA

Pedro Eiras (1975) é autor de livros de ficção, teatro, poesia, ensaio, e Professor de literatura portuguesa na Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Escreveu *Cartas Reencontradas de Fernando Pessoa a Mário de Sá-Carneiro* (2016). Acredita, como o autor de «Autopsicografia», que os poetas são fingidores. Os editores de cartas também.

Pedro Sepúlveda*

Fantoches e pessoas-livros: notas sobre as personagens pessoanas

PERSONAE

14 OUT

Quinta · 11h45 – 13h

Num apontamento sobre o seu teatro *estático*, Pessoa define as personagens que o compõem como *fantoches*, caracterizando-se por não agirem, não se deslocarem, ou dialogarem sequer sobre deslocações, e não possuírem “sentidos capazes de produzir uma ação”. Em contraste com este programa, de que resultam figuras de contornos esfumados, sem substância identitária, o poeta propõe, referindo-se à sua obra escrita em nome de outro, as noções de *pessoas-livros* e *drama em gente*. Ambas estas noções contemplam uma definição da índole de personagens autoras de obras a partir dos textos que assinam e do diálogo dramático estabelecido com outras figuras. Nesta apresentação serão contrastados os tipos de personagem implicados no teatro pessoano e no *drama em gente*. Contrariamente a uma ideia comum de continuidade entre as peças teatrais de Pessoa e a sua obra heterónima, estes dois tipos de personagem possuem características antagónicas. Este antagonismo resulta de conceções literárias e bibliográficas distintas, de que emergem também noções de sujeito contrastantes.

NOTA BIOGRÁFICA

Pedro Sepúlveda é professor auxiliar no Departamento de Estudos Portugueses, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa (NOVA FCSH), investigador do Instituto de Estudos de Literatura e Tradição (IELT), da mesma instituição. O seu trabalho centra-se na modernidade literária e filosófica, com foco na obra pessoana. Publicou o ensaio *Os Livros de Fernando Pessoa* (Ática, 2013) e o estudo antológico *O Planeamento Editorial de Fernando Pessoa* (com Jorge Uribe, INCM, 2016). Editou o primeiro volume de ensaios de crítica pessoana de Eduardo Lourenço, *Pessoa Revisitado, Crítica Pessoaana I (1949-1982)*, no âmbito das suas Obras Completas publicadas pela Gulbenkian, encontrando-se presentemente a preparar o segundo volume, que reunirá os textos escritos entre 1983 e 2017. Coordena o projeto *Estranhar Pessoa* (estranharpessoa.com) e a *Edição Digital de Fernando Pessoa: Projetos e Publicações* (pessoadigital.pt).

* COMISSÃO ORGANIZADORA

Richard Zenith

Pessoa e a tentação da fama

POSTERIDADE

15 OUT

Sexta · 17h30 – 18h30

Por volta de 1930 Fernando Pessoa escreveu dezenas de páginas para *Erostratus*, um ensaio que explicava que a verdadeira grandeza literária, por ser um avanço sobre o mundo de literatura em que nasce, nunca é reconhecida em vida de um autor mas apenas por gerações vindouras. Com esta teoria, o ensaísta parece ter arrumado o assunto das suas ambições literárias. Uma vez que queria ser imortal, a fama em vida lhe era proscrita, não lhe interessava.

Acontece, porém, que Pessoa, ao mesmo tempo que desdenhava a fama possível a um autor ainda vivo, nutria um sonho de ficar famoso aquém da morte. O livro *Mensagem* foi uma peça chave desse sonho, que acabou por ser frustrado. Apresentando documentos novos ou pouco conhecidos, vou traçar a ambígua relação de Pessoa com a publicação da sua obra e a fama que isto poderia lhe trazer.

NOTA BIOGRÁFICA

Richard Zenith é um free-lancer que se dedica à escrita, à investigação e à tradução. Especialista em Fernando Pessoa, publicou *Pessoa: A Biography* (2021) e organizou numerosas edições da sua obra, entre as quais o *Livro do Desassossego*. Traduziu para inglês várias obras de Pessoa como também a poesia de Camões, Sophia de Mello Breyner, Carlos Drummond de Andrade e outros. Tem no prelo uma tradução revista e ampliada intitulada *Cantigas: 122 Galician-Portuguese Troubadour Poems*.

Rita Patrício*

“pensar em *rhythmo*”: Antero em Pessoa

INCURSÕES

15 OUT

Sexta · 11h45 – 13h

Em diversos textos críticos, Pessoa expressou uma viva admiração pela poesia de Antero de Quental, destacando-o enquanto um dos poucos mestres na literatura portuguesa. A sua relevância poética aparece frequentemente justificada pela dimensão metafísica da sua poesia. Esta comunicação visa, por um lado, pensar o lugar de Antero no ensaísmo estético pessoano, enquanto exemplo canónico de um poeta metafísico, e, por outro, ler a presença do autor dos *Sonetos* na poesia de Pessoa. Serão estes os pontos de partida para se discutirem os termos pessoanos que descrevem a relação entre poesia e metafísica, tal como sugerida pela poesia anteriana.

NOTA BIOGRÁFICA

Rita Patrício ensina na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa e é membro do seu Centro de Estudos Comparatistas. Publicou *Episódios. Da teorização estética em Fernando Pessoa* (2012) e *Apontamentos. Pessoa, Nemésio, Drummond* (2016); e co-editou com Osvaldo M. Silvestre *As Conferências do Cinquentenário da Teoria da Literatura de Vítor Aguiar e Silva*. É autora de vários ensaios, em volumes coletivos e em revistas especializadas, decorrentes dos seus estudos sobre literatura portuguesa moderna e contemporânea, nomeadamente sobre Fernando Pessoa e Vitorino Nemésio.

* COMISSÃO ORGANIZADORA

Rui Lage

O Invisível

FICÇÕES

15 OUT

Sexta · 15h45 – 17h

Em *O Invisível*, romance distinguido com o Prémio Revelação Agustina Bessa-Luís 2017, Fernando Pessoa, detetive com agência instalada nos Douradores, dá uso a dons peculiares despertados na infância vivida na África do Sul para resolver casos do foro paranormal. A meio caminho entre a idolatria e a iconoclastia, o *pathos* e a sátira, *O Invisível* trata de interseções entre o visível e o invisível, por obra da magia – e da metafísica. Explora-se o fascínio de Pessoa pela ideia de uma realidade velada e inexplorada, uma dimensão superior, suprassensível, onde as leis da física se estilhaçam. No cruzamento do policial e do platónico, do poético e do rocambolesco, do desassossego cósmico e do encantamento telúrico, efabula-se um Pessoa novo, carnal e intrépido, desconhecido de si mesmo.

NOTA BIOGRÁFICA

Rui Lage (Porto, 1975) é autor de vários livros de poesia, ficção e ensaio. Foi distinguido com o Prémio Inês de Castro 2016 e o Prémio Ruy Belo 2017, por *Estrada Nacional* (poesia) e com o Prémio Revelação Agustina Bessa-Luís 2017 e o Prémio Autores 2019, da SPA, pelo romance *O Invisível* (com edição em Espanha pela La Umbría y La Solana, em 2020). Com Jorge Reis-Sá, organizou a antologia *Poemas Portugueses: Antologia da Poesia Portuguesa do Séc. XIII ao Séc. XXI* (Porto Editora, 2009), a mais extensa e inclusiva alguma vez organizada em Portugal. Traduziu obras de Paul Auster, Pablo Neruda, Samuel Beckett e Carl Sagan. Fez também trabalhos de dramaturgia. Doutorado em Literatura Portuguesa pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto, foi investigador e docente do ensino superior. Trabalha no Parlamento Europeu, na área do emprego e assuntos sociais. É deputado na Assembleia Municipal do Porto e membro do Conselho Municipal de Cultura deste município.

Rui Miranda

Fernando Pessoa e os problemas fatais da poesia

LIGAÇÕES

13 OUT

Quarta · 12h15 – 13h30

Online

Poetas norte-americanos contemporâneos como James Longenbach, Matthew Zapruder e Ben Lerner publicaram recentemente meditações, em prosa, sobre a resistência, o porquê, e o ódio à poesia na sociedade atual. Estas diferentes reavaliações contestam entendimentos convencionais sobre poesia ao mesmo tempo que, Lerner em particular, recusam inscrever-se numa tradição de defesa da poesia à la Shelley. A presente comunicação visa abordar de que modo os escritos de Fernando Pessoa sobre arte literária e os poemas ortónimos (não a poesia: “The fatal problem with poetry: poems” [Lerner]) poderão contribuir para o supramencionado desassossego destes poetas (nossos) contemporâneos. A obra pessoana, exibindo traços de constante preocupação pelo (seu) futuro, e ao mesmo tempo em diálogo e até inserida na tradição de língua inglesa, nunca seria inteiramente alheia às (im)possibilidades poéticas do século XXI.

NOTA BIOGRÁFICA

Rui Gonçalves Miranda é Professor Associado na Universidade de Nottingham, no Reino Unido. As suas áreas de pesquisa incluem literatura, cinema, teoria crítica, e sociedades e culturas pós-conflito. Publicou vários capítulos e artigos dedicados à escrita em Fernando Pessoa (poesia, crítica e teoria), sobretudo em relação com a obra de Jacques Derrida. É autor de *Personal Infinitive: Inflecting Fernando Pessoa* (London, Critical, Cultural and Communications Press, 2017) e co-editor, com Francesca Pasciolla, de *Fernando Pessoa: Abordagens* (SPLASH Editions 2021).

SEM EFEITO, POR MOTIVOS ALHEIOS À ORGANIZAÇÃO

Rui Sousa

Normas à grega e normas à romana. Notas sobre liberdade e normatividade em Fernando Pessoa

ESTILO

14 OUT

Quinta · 17h30 – 18h30

Num apontamento datado de 1935, Pessoa propõe a oposição entre dois entendimentos do conceito de normatividade, no contexto da projecção de uma revista que deveria designar-se *Norma*. *Revista quinzenal de literatura e sociologia*. Apercebendo-se de que o sentido fundamental da palavra remete para a ideia de *regra*, Pessoa distingue duas formas de experienciar a relação do indivíduo com a colectividade, directamente relacionadas com a oposição entre as mundividências grega e romana. Nesta comunicação, procurarei contextualizar o projecto de *Norma*, atendendo aos vários esboços de intervenção social e política de Pessoa, sobretudo na década de 30, relacionando o contraponto entre “regras à grega” e “regras à romana” com a relação global de Pessoa com a normatividade e com o problema que o próprio designou, várias vezes, como “preconceito da ordem”.

NOTA BIOGRÁFICA

Doutorado em Estudos de Literatura e de Cultura pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, com uma tese dedicada ao conceito de Libertino em Luiz Pacheco. Publicou ensaios sobre Ronald de Carvalho e Eduardo Guimaraens na antologia *1915 – O Ano do Orpheu*, coordenada por Steffen Dix, e colaborou em números recentes da *Pessoa Plural* e em eventos organizados pelo Projecto Estranhar Pessoa e pela Casa Fernando Pessoa. Publicou em 2016 o livro *A Presença do Abjecto no Surrealismo Português*. Investigador do Centro de Literaturas e Culturas Lusófonas e Europeias da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa (CLEPUL).

Sara Rodi

FIÇÕES

Fernando Pessoa e as Mulheres da Sua Vida

15 OUT

Sexta - 15h45 - 17h

Fernando Pessoa desperta de um sonho peculiar: havia uma mesa posta para uma ceia com as mulheres da sua vida. Para além do seu, 12 lugares vazios. Quem viria a sentar-se à sua mesa?

A seu lado, na realidade (ficcionada), está Alice, a enfermeira que o acompanha desde que deu entrada, poucas horas antes, no Hospital de São Luís dos Franceses. Crente de que os males do corpo são, tantas vezes, feridas da alma, Alice desafia o seu paciente a recordar as mulheres da sua vida. Mulheres da família, da casa, dos escritórios, mulheres místicas, mulheres escritoras, lúcidas ou loucas, apaixonadas ou apaixonantes. As mulheres que desassossegaram Pessoa ao longo da vida, e que ele desassossegou também, num tempo em que tanto se discutia o papel da mulher na vida pública e privada. Quem teria sido Fernando Pessoa sem elas?

NOTA BIOGRÁFICA

Licenciada em Ciências da Comunicação pela Faculdade de Ciências Sociais e Humanas (UNL), é autora de mais de 30 obras para adultos e crianças, e argumentista em diversos produtos de ficção televisiva e cinema, alguns adaptados dos seus livros. Participa regularmente como oradora em encontros dedicados à educação, saúde e sustentabilidade, escrevendo também para a imprensa sobre os temas que a movem.

Em 2013 começou a interessar-se pelas mulheres em torno de Fernando Pessoa, o que resultou no romance *O Quanto Amei – Fernando Pessoa e as Mulheres da Sua Vida*, publicado em abril de 2021 pela editora Planeta.

Ulrike Henny-Krahmer

Arquivos e edições digitais de Fernando Pessoa

ARQUIVO

14 OUT

Quinta · 15h45 – 17h

Online

A obra de Fernando Pessoa caracteriza-se por um grande número de textos, uma vasta gama de géneros, perspectivas diversas de autoria, e também por uma dispersão em termos de planeamento, edição e publicação pelo próprio autor (Sepúlveda, 2013; Cabral Martins, 2014). Como consequência, arquivos e edições que organizam o material deixado pelo autor têm uma especial relevância para tornar a obra de Pessoa acessível ao público em geral, assim como a estudantes e investigadores. A presente contribuição tem por objectivo comparar as aproximações editoriais à obra de Pessoa de quatro recursos digitais: o Arquivo Pessoa (Areal, ed., 2008), o Arquivo LdoD (Portela e Rito Silva, eds., 2017), o Fausto Digital (Centro de Estudos de Teatro, ed., 2015) e a Edição Digital de Fernando Pessoa (Sepúlveda, Henny-Krahmer e Uribe, eds., 2017), tendo em conta a metodologia característica da edição a partir de um paradigma digital (Pierazzo, 2014, Sahle et al., 2014). Consideram-se os tipos de procedimentos editoriais de cada uma, que poderão ser os da edição arquivística, documental, diplomática, genética, crítica e social, discutindo as vantagens da edição digital e das metodologias editoriais escolhidas em cada caso para organizar e apresentar a obra de Fernando Pessoa.

NOTA BIOGRÁFICA

Ulrike Henny-Krahmer é professora assistente de Humanidades Digitais no Departamento de Estudos Germanísticos da Universidade de Rostock, Alemanha. Desde 2014, colabora no estabelecimento da *Edição Digital de Fernando Pessoa. Projetos e Publicações* (peessoadigital.pt), coordenando os trabalhos técnicos do projeto. Enquanto membro do Instituto de Documentologia e Edição (Institut für Dokumentologie und Editorik, IDE) é também editora do jornal RIDE (*A review journal for digital editions and resources*, ride.i-d-e.de) e a sua pesquisa foca-se na metodologia, prática e avaliação de edições digitais.

Vivem em nós inúmeros

Ricardo Reis, 13-11-1935

casafernandopessoa.pt